

Afrânio Gomar (\*)

# Sesquicentenário da Revolução Liberal (\*\*)

(\*) Engenheiro, Membro da Academia Paulistana da História (SP) e da Associação dos Cavaleiros de São Paulo.

(\*\*) Alocução proferida em 6/5/1992, na abertura das comemorações dos cento e cinquenta anos da Revolução Liberal, em reunião-almoço no Terraço Itália, São Paulo, em sessão da Academia Paulistana da História e da Ordem Nacional dos Bandeirantes, com a presença do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e outras entidades.

**ABSTRACT**

*The author makes a short digression about the causes of the Revolutionary Movement of 1842 and emphasizes the character of the "paulistas" for not having surrendered. He praises the commemorative movement born in the town of Sorocaba.*

**RESUMO**

*O autor faz rápida digressão sobre as causas do Movimento Revolucionário de 1842 e acentua a índole dos paulistas em não se submeterem. Elogia o movimento comemorativo nascido na cidade de Sorocaba.*

Senhores Acadêmicos  
Companheiros Bandeirantes  
Senhoras e Senhores Visitantes  
Em especial, ilustre Prof. Adilson Cezar

Nos fatos da História de São Paulo inseriu-se uma página notável, aberta em maio de 1842: a Revolução Liberal, cujo sesquicentenário ora se assinala.

Não me cabe narrar o episódio, senão apenas lembrar que, com epicentro em Sorocaba, a rebelião teve à frente a figura enorme do Cel. Rafael Tobias de Aguiar; a seu lado, o extraordinário Pe. Feijó, que então proclamou ao mundo, com justificado orgulho, a sua qualificação inequívoca: "Paulista, por mercê de Deus". Eclodido em 17 de maio o Movimento, a espada de Caxias já o havia sufocado em 22 de junho. E assim também, facilmente abafado foi o levante dos mineiros, fomentado por Teófilo Otoni e iniciado em 10 de junho. Tenho como feito principal dos amotinados o embate de Venda Grande, que consagrou Boaventura do Amaral, barbaramente assassinado.

À rebelião, muitos historiadores, nos seus compêndios, não dedicam mais que uma página, às vezes somente meia; a bibliografia especializada é sobremodo escassa, conquanto nela se destaque a alentada obra de Aluísio de Almeida. A revolução teve curta duração e parece inexpressiva. Todavia, o fato vale, ao menos, pela estatura, pela grandiosidade dos vultos participantes, homens que jamais se comprometeriam levemente; como vale também, pelo objetivo que eles nutriam, sempre empenhados na conquista do melhor para o Brasil. Como observa o Prof. Adilson Cezar: "Não importa se esses ideais pretendidos nem sempre compactuam com o que acreditamos hoje. O importante é que se buscava uma melhor condição humana; era um passo na direção certa".

Um grande jornalista liberal, de nome Scott, ressaltava: "Os fatos são sagrados, a opinião é livre". E se há de consignar que a

história dos movimentos armados é contada sempre pelos vencedores, jamais pelos vencidos; assim, invariavelmente distorcida, deturpada.

Cumpra-se atentar para as *causas* e o *significado* da Revolução Liberal; do ponto de vista da História, acredito, são esses os estudos mais relevantes.

Enumeram-se várias causas para a eclosão da sedição. E entendem alguns historiadores que o movimento não tenha excedido a uma simples questão de partidos, sem nenhum ideal político, sendo antes um protesto contra o Gabinete conservador instalado em 1841. Para outros, o que se pretendeu foi apenas “simular um movimento de armas para coagir os adversários à renúncia do poder”. Estas interpretações me parecem por demais simplistas: a causa, na verdade, é complexa e se há de registrar que o levante não foi, em absoluto, preparado por Tobias e Feijó. Antes, quero crer, urdido pelos próprios conservadores, teve manifestada a trama através de medidas e atitudes que não atingiram apenas os liberais, já que algumas eram endereçadas a Tobias, ou diretamente aos paulistas.

Aluísio de Almeida relata os principais acontecimentos que geraram a rebelião, mostrando-nos que muito antes, já em janeiro de 1841, “pairavam no ar prenúncios da tormenta que ia vir”. A sucessão dos fatos merece acurada análise, da qual se depreende que a provocação, o menosprezo e a humilhação a que submeteram os paulistas foram as causas reais e ponderáveis da revolta; o orgulho dos paulistas, o sentimento forte da própria dignidade feridos foi o que os levou às armas. Alfredo Ellis Jr. procurou nos mostrar a evidência e, especialmente, quanto ao espírito paulista repugna a intromissão e o mando dos forasteiros: trata-se de um fenômeno psicológico de irrecusável existência. De longa data, já desde o século XVII, patenteada está a altivez dos paulistas!

Assim também seria, exatamente noventa anos depois, em 1932, o levante dos paulistas, em prol da constitucionalização do País. Era São Paulo não entibiado, antes bramindo contra a humilhação, contra o vilipêndio e descrevendo uma ação de bravura inaudita, do mais intenso heroísmo, que jamais se repetirá no curso da História. E são flagrantes as semelhanças entre os dois movimentos – o de 1932 e o de 1842 – além da quase identidade de elementos: a falta de preparação, as traições, a ingenuidade em se contar com o apoio de outras províncias, erros táticos, o retardamento na ação e ainda, esta outra semelhança: em ambos os movimentos o objetivo

foi alcançado dois anos após (a Constituição em 1934, a volta dos liberais ao poder em 1844).

Certa feita, já faz alguns anos, tive a ventura de visitar o solar da família Monjardim em Vitória, capital do Espírito Santo. Asseguraram-me que ali, dentre aquelas vetustas paredes eretas sobre um morrote, estiveram por vários meses detidas, em segredo, duas das mais ilustres personalidades do seu tempo: o Pe. Feijó e o Senador Vergueiro. Ante o impacto da informação, confrangeu-me a alma de paulista. A quanta humilhação haviam sido submetidos aqueles gigantes!

No extenso alpendre que abriga ao fundo o oratório, pareceu-me ver – pura imaginação – genuflexo e mãos postas, o clérigo que Alfredo Ellis Jr. define como “figura vincada do maior paulista dos oitocentos”; “a firmeza e a tenacidade, o desassombro e a coragem cívica, a abnegação e a audácia, o liberalismo e a tolerância, a simplicidade e a severidade”.

Pura fantasia! Naquela quadra da vida, Feijó nem poderia ajoelhar: as forças físicas derruídas, encontrava-se ele já paralítico. Conquanto detentor de prerrogativas de Senador do Império, ainda assim, tão vilmente castigado!... De lá regressaria “o Estadista da Regência para morrer em São Paulo”. E tão pequeno me senti face à majestade daquele homem, ao lembrar que dias antes da sua chegada ao solar, havia proclamado ao mundo, com justificado orgulho, a sua qualificação inequívoca: “Paulista, por mercê de Deus”. Então, não pude conter um sentimento de revolta, de repúdio, de asco: quanto é sórdida e nefasta a politicalha que assola este País, desde os primórdios de sua vida independente!

Insigne Professor Adilson Cezar:

Designado fui pelo Sr. Presidente desta reunião, para vos saudar, como se, para tão honrosa missão, o mais qualificado eu fosse.

Por tão dignificante, vossa presença aqui nos engrandece, vós que sois o Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, instituição deveras respeitada pela consistente tradição de vultosas e incontáveis realizações culturais. À frente desse sodalício, estais a dinamizá-lo, contando agora com a primazia de organizar as comemorações do sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842. E o fazeis, carente de recursos financeiros,

todavia inflado de ideal, tendo em mira um objetivo bem claro: “Não se trata de ufanismo o nosso esforço para a realização de uma grande manifestação popular”, dizeis, “mas de revisão e resgate histórico.”

Em campo, mangas arregaçadas, iniciastes por conclamar entidades e intelectuais e, desde julho do ano passado, vindes promovendo articulações, num trabalho exaustivo, porém produtivo. Sonhastes com o cumprimento de um programa grandioso e haveis de consegui-lo: a noemação de uma Comissão que se encarregasse oficialmente da efeméride; a reedição do livro que Aluísio de Almeida dedicou à Revolução Liberal; a promoção de concurso de monografias; curso de extensão universitária sobre a sedição a professores de 1º e 2º graus; impressão do livro de autoria do Dr. José Aleixo Irmão sobre o Brig. Tobias; a realização de exposições, visitas, espetáculo teatral, palestras, muitas palestras; emissão de selo comemorativo ou, ao menos, um carimbo postal especial; sessão solene na Câmara Municipal de Sorocaba; pronunciamento de Deputado pela tribuna da Câmara Federal, lembrando os acontecimentos de 1842; ereção, em Sorocaba, de um monumento que marque a passagem do sesquicentenário da Revolução; instituição de uma condecoração – o Colar do Sesquicentenário – pelo Comando Geral da Polícia Militar do Estado.

E para a execução de tão ambicioso programa, para a concretização de tão avultado empreendimento, conseguistes, preclaro mestre, envolver no mínimo vinte e seis entidades, além dos órgãos oficiais, obtendo o compromisso de comemoração condigna em numerosas localidades, entre tais, Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo; em cidades para as quais o Movimento de 1842 irradiou: Campinas, Itu, Jundiaí; e no Rio Grande do Sul. Só em Sorocaba, lograstes alinhar a Prefeitura e a Câmara Municipais, a Academia de Letras, o Clube Filatélico, a Regional de Ensino, a Fundação Ubaldino do Amaral, a Sociedade Veteranos de 32, a Fundação Dom Aguirre (entidade máxima do ensino superior no município).

Desta Capital, além dos órgãos oficiais, nada menos de oito instituições culturais se comprometeram com as comemorações, tendo sido designados representantes ou delegados aqui, do IHGG de Sorocaba, os Drs. Duílio Crispin Farina, Israel Dias Novaes, Lycurgo de Castro Santos Filho e Manoel Rodrigues Ferreira.

O que nos impressiona, Prof. Adilson, é terdes realizado obra de tão alto nível, atestado eloqüente de que vos empenhastes numa

atuação verdadeiramente digna daquelas figuras extraordinárias envolvidas na sedição.

A Academia Paulistana da História e a Ordem Nacional dos Bandeirantes, convidadas a participar das comemorações, nelas se integram efetivamente. Mas o nosso Presidente julgou não bastasse vos oferecer a colaboração possível: mais que isso, entendeu ele, impõe-se patentear a nossa homenagem ao ilustre organizador de tão notável evento. Este, eminente professor, é o sentido precípua da minha fala. E almejamos que o testemunho do nosso respeito seja estendido ao sílogu que presidis – o IHGG de Sorocaba –, que vos dá a necessária retaguarda à ação, como também, na pessoa do Sr. Eng<sup>o</sup> Antônio Carlos Pannunzio, à Prefeitura Municipal, à Câmara e à população sorocabanas.